



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): RELATO DE UMA AÇÃO EXTENSIONISTA DO PROJETO FORBIO

Vitória Aparecida Araújo Da Silva Oliveira¹

Francisco Schneider Moreira Dos Santos²

Viviane Pinho De Oliveira³

RESUMO

A pessoa autista é considerada como uma pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais, segundo a Lei Berenice Piana nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, a qual assegura adaptações em escolas regulares. Contudo, o que normalmente se visualiza no cenário escolar são obstáculos e barreiras estruturais, pedagógicas e atitudinais. Considerando os desafios apontados, é papel da universidade, de acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária, viabilizar relações que direcionem a transformação entre a universidade e a sociedade. Baseado nessa visão, o projeto de extensão FORBIO – Formação de Professores da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O objetivo do presente trabalho concerne ao relato de experiência de uma ação extensionista do projeto FORBIO, que consistiu na formação de professores, promovendo a conscientização sobre aspectos básicos e pedagógicos da realidade do TEA. A pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva, uma vez que buscou descrever qualitativamente uma vivência de formação de professores, com vistas na contribuição da inclusão do estudante autista no contexto escolar. Onde foram discutidas estratégias de ensino inclusivo, esclarecidas dúvidas sobre o TEA e compartilhadas experiências práticas de sala de aula, possibilitando um espaço de troca e reflexão. Esse registro evidencia o impacto da ação extensionista, reforçando a importância do acompanhamento pedagógico atento e da valorização da diversidade no contexto escolar.

Palavras-chave: Formação de professores; autismo; TEA; extensão universitária.

Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, ICEN, Discente, vitoria_0307@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, ICEN, Discente, schneidersantos016@aluno.unilab.edu.br²

Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, ICEN, Docente, vivianepo@unilab.edu.br³



INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) consiste em uma condição do neurodesenvolvimento que apresenta as seguintes características: déficits na comunicação, na interação e na reciprocidade social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades (APA, 2014). Desse modo, crianças e adolescentes acometidos pelo TEA podem enfrentar prejuízos no processo educacional, dependendo de diferentes fatores, como: nível de suporte, suporte fornecido pela escola, suporte oferecido pelas terapias e pela família, dentre outras questões como as políticas públicas e suas implementações. A pessoa autista é considerada como uma pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais, segundo a Lei Berenice Piana nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012), a qual assegura adaptações em escolas regulares. Contudo, o que normalmente se visualiza no cenário escolar são obstáculos e barreiras estruturais, pedagógicas e atitudinais. No município de Campinas, estudo que mapeou as trajetórias escolares de estudantes com TEA, com base nos microdados do Censo Escolar/INEP, evidenciou dificuldades persistentes de inclusão na prática, o que reforça os limites de efetividade da lei no cotidiano das redes de ensino (Talarico; Laplane, 2016). Essa constatação também é reforçada em pesquisa realizada em duas escolas de Minas Gerais, que revelou, a partir de entrevistas com professoras da rede municipal, que os maiores desafios para a efetivação da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) residem na carência de formação inicial e continuada. Segundo as autoras, embora haja práticas positivas em construção, a inclusão ainda se mostra frágil quando não há preparação adequada dos docentes, concluindo que a formação continuada é indispensável para que a inclusão deixe de ser apenas legal e se torne real (RICCIOPO; FARINELLI, 2025). Considerando os desafios apontados, é papel da universidade, de acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2000; 2007), viabilizar relações que direcionam a transformação entre a universidade e a sociedade. Baseado nessa visão, o projeto de extensão FORBIO – Formação de Professores da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – tem o objetivo de promover a transformação na raiz do problema identificado pela pesquisa, que é a dificuldade de realizar a inclusão, sendo a capacitação dos professores uma estratégia fundamental para enfrentar essa questão. Assim, o objetivo do presente trabalho concerne no relato de experiência de uma ação extensionista do projeto FORBIO, que consistiu na formação de professores, promovendo a conscientização sobre aspectos básicos e pedagógicos da realidade do TEA

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva, uma vez que buscou descrever qualitativamente uma vivência de formação de professores, com vistas na contribuição da inclusão do estudante autista no contexto escolar. De acordo com Bogdan e Biklen (2017), a abordagem qualitativa permite interpretar fenômenos educacionais em seu contexto, valorizando as experiências vividas pelos sujeitos e suas interações. A formação ocorreu no dia 30 de junho de 2025, na Escola Profissionalizante Adolfo Ferreira de Souza, localizada no município de Redenção. O encontro contou com a participação de vinte professores, além de gestores da instituição. A atividade foi organizada como uma ação extensionista vinculada ao projeto FORBIO – Formação de Professores para o Ensino de Ciências e Biologia, da UNILAB. O relato a seguir foi elaborado com base nos registros em diário de campo da autora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Para prevenir a disseminação dessas fake news e garantir informações precisas sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi utilizado o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição), para produzir o material de apresentação da Formação de Professores, especialmente no que se refere ao processo de diagnóstico e critérios clínicos do TEA. A partir do DSM-5 também coletamos informações sobre a definição do TEA, possíveis causalidades, características, expectativa de vida, contextualização histórica do autismo, desmistificação da chamada “pandemia de autismo”, direitos dos estudantes com TEA e a importância dos PPIs (Projetos Pedagógicos Individualizados). Além desse material, utilizamos o canal do Youtube nomeado Luna ABA, criado por Lucelmo Lacerda, segundo a Wikipédia (2025) um professor, escritor, divulgador científico e ativista brasileiro, notável por sua atuação no cenário do autismo no Brasil, foi uma ferramenta valiosa para oferta um conteúdo acessível e confiável. Após a organização e seleção de conteúdos confiáveis, optamos por adotar uma didática que se distanciasse das ideologias da educação bancária, elaborada por Paulo Freire, patrono da educação brasileira e um dos maiores pensadores do século XX que estabeleceu as noções de Educação Bancária e Educação Dialógica (FREIRE, 2017). Para isso, foi estruturado uma apresentação em slides com tópicos, favorecendo uma exposição mais dinâmica e acessível, que abrisse espaço para diálogo e participação ativa. A partir da definição do autismo como um espectro, os professores puderam compreender que as reações e comportamentos dos alunos não seguem um padrão único. Diferentemente de condições como a síndrome de Down, em que certas características físicas são mais evidentes, no autismo as particularidades são observadas no cotidiano, nas ações, nas dificuldades e na forma como cada aluno interage com o ambiente. A partir dessa compreensão, e sempre com sigilo ético, os professores começaram a compartilhar experiências sobre alunos com autismo, percebendo que, embora todos apresentem o transtorno, as dificuldades e as características de cada um são distintas. Além disso, alguns professores evidenciaram suas vivências em sala de aula, apresentando como principal impasse a limitação de tempo para atender alunos atípicos, que necessitam de um acompanhamento mais individualizado, em contraste com as demandas dos alunos neurotípicos e outras atribuições escolares. Um relato trazido por dois docentes — uma da área de Linguagens e outro da área de Humanas — destacou a experiência com um estudante, que podemos nomear de “Aluno A”, o qual alegava não saber ler ou escrever. Diante do apelo do aluno para superar suas dificuldades, os professores envolvidos passaram a realizar um acompanhamento mais minucioso do caso. Os professores passaram a desenvolver um acompanhamento mais atento com este aluno, sendo necessário dedicar mais tempo exclusivamente ao Aluno A, pois diversos fatores influenciam no processo de ensino-aprendizagem da pessoa autista, dentre eles: distúrbios associados ao autismo – como o TDAH – dificuldades de aprendizagem, desinteresse e falta de estímulo (González, 2007; Aquino, 1999). A falta de encorajamento, em especial, pode ter sido um dos principais fatores que contribuíram para a situação do Aluno A não saber ler ou escrever, algo que, segundo Moro e Carlesso (2019), está diretamente relacionado ao papel do incentivo no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da leitura e da escrita. Nesse contexto, os professores se depararam ainda com a época de provas, quando a escola aplica as avaliações, contendo cerca de 45 questões de Linguagens e 45 de Exatas. Ao acompanhar o aluno de perto, os docentes perceberam que o formato da prova influenciava bastante em seu desempenho. Quando os enunciados eram longos e exigiam maior interpretação de texto, o aluno tinha dificuldades para compreender e responder. Por outro lado, quando o enunciado era mais objetivo e os textos de interpretação não eram tão extensos, ele conseguia realizar a leitura e responder às questões com mais autonomia. Essa observação permitiu um ajuste não apenas nas metodologias de aprendizagem, mas também na metodologia de avaliação. Com base nessa experiência prática, minhas expectativas iniciais foram alcançadas. Esperava que os professores demonstrassem curiosidade e que eu pudesse me aproximar da realidade concreta da sala de aula, tornando a



capacitação verdadeiramente útil. No início, havia insegurança quanto à absorção do conteúdo para repassar aos docentes, mas ao longo da apresentação surgiram dúvidas pertinentes, como sobre as causalidades do TEA, que envolvem fatores genéticos, ambientais e mutações, além da possível influência do uso de cannabis durante a gestação. Essas questões foram esclarecidas com êxito, principalmente no que se refere à cannabis, pois os estudos ainda estão em andamento e não podem ser afirmados como conclusivos, necessitando de mais dados detalhados sobre período de gestação, tempo e quantidade de uso, entre outros fatores (Chang et al., 2019; Barzilay et al., 2024). A partir dos feedbacks recebidos de professores e participantes, verificou-se que os objetivos propostos foram alcançados. Por exemplo, o professor P1 destacou que “o debate foi conduzido de forma segura, com domínio do tema e clareza nas explicações”, evidenciando que a condução e o conteúdo da atividade foram percebidos como claros e competentes. Da mesma forma, o professor P2 apontou que “a apresentação demonstrou segurança, profissionalismo e domínio do conteúdo”, reforçando que a atividade proporcionou aprendizado e reflexão significativa aos participantes. Essa troca supriu plenamente minhas expectativas, pois me aproximou da realidade concreta de um professor em sala de aula e não da visão teórica ou idealizada de uma estudante universitária. Essa vivência certamente contribuirá para meu aperfeiçoamento em futuras capacitações, permitindo compreender melhor o contexto e as necessidades reais dos docentes e seus alunos, oferecendo subsídios para um feedback mais consistente e fundamentado.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo promover a conscientização sobre aspectos básicos e pedagógicos relacionados à realidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim, conclui-se que a ação cumpriu seu papel formativo, reforçando a importância de ampliar espaços de diálogo sobre o TEA. Recomenda-se que futuras capacitações sejam realizadas em um número cada vez maior de instituições, fortalecendo ainda mais a conscientização e a inclusão.

AGRADECIMENTOS

Somos grata à instituição Adolfo Ferreira, pelo apoio durante minha formação, pelo incentivo ao meu ingresso na vida acadêmica, pelo profissionalismo e pela excelente recepção. Agradeço também à coordenação e aos professores, pelo acompanhamento e orientação ao longo da minha trajetória. Em especial, agradeço à professora Viviane Pinho, coordenadora da FORBIO, pelo apoio constante ao projeto e pela dedicação em incentivar nossas iniciativas.

REFERÊNCIAS

APA. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5). 5. ed. Arlington: American Psychiatric Association, 2014. BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2017. BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: Planalto - Lei nº 12.764. Acesso em: 29 ago. 2025. RICCIOPPO, A. P. P. L.; FARINELLI, M. R. Escola e inclusão: a formação dos (as) professores (as) de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Educação em Foco, v. 28, n. 55, p. 1-24, 2025. TALARICO, M. V. T. da S.; LAPLANE, A. L. F. de. Trajetórias escolares de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Comunicações, v. 23, n. 3, p. 43-56, 2016. FORPROEX, BRASIL. Fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, AM: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012. PEREIRA, A. C. De A.; PEREIRA, C.



W. A. Os riscos do uso da Cannabis durante a gravidez: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 7, n. 8, p. 221-238, 2025. CHANG, JUDY C.; et al. Prenatal cannabis exposure and risk of autism spectrum disorder in offspring. *JAMA Psychiatry*, [S.l.], v. 76, n. 3, p. 290-297, 2019. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2737582>. Acesso em: 31 ago. 2025. Barzilay, R. et al. Prenatal cannabis exposure and risk of autism spectrum disorder in offspring. *JAMA Pediatrics*, [S.l.], v. 177, n. 1, p. 1-3, 2024. Disponível em: https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/articlepdf/2825410/jamapediatrics_barzilay_2024_ed_240019_1732566633.01057.pdf. Acesso em: 31 ago. 2025. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2017. MORO, L. G. B.; CARLESSO, J. P. P. Dificuldades e distúrbios de aprendizagem: nos primeiros anos de escolarização. *Research, Society and Development*, v. 8, n. 5, p. e561954, 2019. DOI: 10.33448/rsd-v8i5.954.